

## A crise de 2016: causas e perspectivas

*The crisis of 2016: causes and perspectives*

Eugênio Aragão \*

Palestra proferida na III Jornada de Filosofia política da UnB - Universidade e Estado de exceção, novembro de 2016

Transcrição e edição de Lucas Vinicius Alves Noronha

Boa tarde a todas e todos, para mim é uma grande satisfação falar nesta universidade e sobretudo congratular os estudantes. Para nós, vocês não imaginam a felicidade. E saber que existe uma geração por vir que sabe o que quer. Porque nós vamos passar, e o grande medo dessa crise é de como vai ficar, quem é que vai, nos próximos anos, assumir o papel crítico de não aceitar um receituário imposto de sociedade, de Estado. Porque essa função crítica é essencial para a nossa geração da democracia. E da democracia como um espaço público, como um espaço de todos. Nós estamos vivendo uma onda em que o espaço público é transformado em um lixo, em algo que pode ser dispensado. Porque a somatória dos espaços privados parece ferir, substituir, o espaço público. E o espaço público não é substituível. Ele é como o átomo de esperança. E nós temos que defender esse espaço. E vocês agora, – eu agradeço a vocês –, vocês são a vanguarda da defesa desse espaço público. Do qual, a universidade pública é só uma das facetas, mas é uma faceta importante. Que a gente consiga preservá-la!

Eu tenho andando muito Brasil a fora e uma das coisas que tenho percebido e tem me incomodado, são as plateias para as quais eu falo. Porque as plateias somos nós mesmo, somos nós mesmos, falando para nós mesmos. Nós não estamos conseguindo,

como dizer, alavancar o nosso capital social e trazer novos atores, pela deterioração do processo político no Brasil. E talvez, nós falarmos para nós mesmos, então de certa forma nós, buscando um alento para continuar, até porque essa luta só está começando, sabemos que vamos ter alguns anos de trabalho. Então desesperar agora não adianta. Nós temos que fazer um trabalho de equipe. Mas o importante ao fazer este trabalho é saber pensar em dupla perspectiva. Uma perspectiva crítica a respeito de nós mesmos, de saber onde falhamos, para não falharmos novamente. E uma perspectiva para o futuro e para o presente. O que fazer – como dizia Lenin – o que fazer? O que que nós vamos fazer para superar este quadro?

Então, devemos pensar essa dupla perspectiva para que nós tenhamos uma atuação consistente. Uma atuação que não seja tortuosa, contraditória e que se anule em si mesma. Não adianta a gente ter centenas de pessoas bem intencionadas andando por aí. Nós precisamos ter uma visão clara sobre o que foi, o que é e o que será.

Eu costumo me lembrar que em um acidente aéreo um avião nunca cai sozinho. Um avião só cai quando se juntam vários vetores, então não é tão simples da gente apontar o dedo e dizer foi ele, foi aquele, foi aquele outro o culpado, ele foi o traidor. Houve uma série de falhas. Houve uma série de falhas, que gerou um estado de bloqueio da governabilidade. Um bloqueio real, ou seja, a presidenta Dilma, chegou a um momento que, de fato, ela não governava mais. Porque qualquer proposta que ela mandasse para Câmara dos Deputados, presidia por um delinquente – Eduardo Cunha – era mandada de volta para o Palácio do Planalto. Ele nem sequer olhava. Não instalou uma única comissão permanente no Parlamento, enquanto Dilma não caia. Então nós não tínhamos sequer a Comissão de orçamento e finanças funcionando. Não tinha nada funcionando. Simplesmente, conseguiu essa proeza. Uma única pessoa com um

tremenda de uma potência de mobilização, claro na base do combustível financeiro, conseguiu criar uma paralisia no país, essa paralisia impediu que fossem adotados, inoculados na economia os antídotos necessários para a crise que se desenhava. Mas também temos que reconhecer que nós agimos erráticamente. Nesse momento em que, ao invés de buscar um diálogo possível com alguns atores políticos, que dominavam cena.

Simplesmente recusaram o Ministro da fazenda indicado pelo governo, porque realmente, entre a proclamação do resultado das eleições e início de seu governo, passou-se um vendaval no Brasil, econômico, em que nós passamos a sentir um impacto total da crise que vinha se desenrolando desde 2004 e que Lula chamava de 'marola', ou seja, nós não nos preparamos, assim como devo lhes dizer, entre parêntese, como nós não estamos preparados para a segunda crise e estamos na beira do princípio de uma bagunça econômica nunca antes vista na história do capitalismo.

Então, deveria haver algum tipo de diálogo entre governo e sua base, culpado tanto o governo quanto a base, não vou aqui dizer que medidas deveriam ter tomado, nós sabemos que a presidente Dilma não é uma pessoa fácil de comunicar, de ouvir. Então, houve essa falha de comunicação, necessária para que, no meio desse vendaval, Dilma pudesse cumprir integralmente os seus planos expostos durante a campanha eleitoral. E não tinha mais condições. Não tínhamos condições. O petróleo bem ou mal é o que estava rendendo dos nossos ativos. Um ativo que nós tínhamos na nossa economia. Um peso enorme na economia, mas um peso, vamos dizer assim, que não

suporta a demanda. Não suporta, diante da economia brasileira. Então, em 2015 começou um momento muito complicado, extremamente complicado em tomadas de decisões, e é verdade que a presidenta Dilma não se cercou de pessoas que pudessem abrir o diálogo. O chefe da casa civil, Aloísio Mercadante deu nisso, um desastre político de dimensões enormes.

O que Dilma poderia ter feito? Dilma poderia ter reconhecido, logo após a eleição, que só com esses 3 milhões de votos de vantagem que ela tinha não havia força, e que deveria ter, talvez, vamos dizer, para não perder, realmente de dividir o poder, mas isso nunca foi posto. O PMDB sempre foi um parceiro desagradável, um parceiro não confiável. Nós sabemos hoje, nós estamos vendo isso. É um partido de rapina, um partido predador. Fez isso 5 anos durante o governo, fez isso durante pouco tempo no governo Itamar. E agora o PMDB sentiu força e quer tomar de volta o que sempre lhe pertenceu, o poder lhe pertence.

Eu poderia comentar, contando como é que essa crise foi criada. Discutir novamente 2014, a campanha eleitoral, 2015, 2016, o golpe. O que incomoda neste momento atual é um certo torpor que nós estamos percebendo. Aquela sensação: será que vale a pena? Será que vale a pena lutar? O que a gente mais ouve são pessoas dizendo "eu vou sair desse país", mas uma batalha se ganha na trincheira, uma batalha não se ganha saindo, então é aqui que temos que ficar e se lutar, se este país está doente. Hoje escrevia a respeito disso, saiu no *Conversa Afãada*, do pai que mata seu filho único, estudante de matemática na Universidade Federal de Goiás, só por conta de sua ira incontrolável contra a participação do rapaz das ações de



ocupação<sup>1</sup>. E depois o pai, desesperado provavelmente, se suicida. Em plena rua, à luz do dia, uma tragédia desse tamanho, são duas pessoas. Mas são pessoas muito valiosas. Isso é suspeito. Muito triste. Isso aqui nós não podemos deixar de ver, isso é o resultado de um processo. Isso não é um fato isolado isso tem a ver com ruptura a que se expôs a sociedade. Isso tem a ver com os 'MBLs' aqui, causando pavor em estudantes. Nós estamos vivendo um estado em que parece que as fobias estão sendo trabalhadas, e nós somos os ratinhos de laboratório. Estão inoculando na gente fobias. Fobias tanto para aqueles que são nossos adversários, quanto em nós mesmos. Todos devem ficar dominados pela fobia.

O ambiente de fobia é muito propício ao totalitarismo. O fascismo se nutre das fobias. Quando há insegurança na população, contra o medo, o fascismo oferece populismo. E o que que é populismo? É aquela ideia de dizer: nós todos estamos dentro do mesmo barco. "*We are the people*". E nós todos nesse mesmo barco, temos que sair disso combatendo um inimigo comum. E aí, esse inimigo pode ser um judeu, o inimigo pode ser o corrupto. O inimigo é simplório. Porque o populismo tem essa característica de seguir por argumentos simplórios e normalmente hiperbólicos. Vir com propostas que nunca serão realizadas. Isso é o populismo. Você promete algo que você sabe que mobiliza as massas. Mas que sinceramente, sabe que você não vai conseguir. É uma mentira, o populismo.

Existe o populismo de esquerda, o populismo de direita...Mas o populismo é inerente ao fascismo. O fascismo se

alimenta dos medos, das inseguranças das pessoas. Mobiliza esses medos e essas inseguranças. Parar criar uma mentalidade de matilha, de grupo, na sociedade, e promete soluções simplórias. "Vamos acabar com a corrupção". Com corrupção não se acaba. Corrupção não tem como acabar. É da natureza humana. A vontade de ter mais que só é controlada por um sentimento de empatia; a única coisa que consegue controlar ambição e ganância é a empatia. Mas empatia requer um alto quociente de inteligência emocional das pessoas, de conseguirem sair de si mesmas e olhar para o outro como se fosse ele. Isso é muito difícil para a maioria das pessoas, que estão mais interessadas no próprio umbigo do que olhar para o umbigo do outro. Falam mal dos outros, mas não olham para o próprio. A corrupção começa na esperteza, no "*me first*", eu primeiro. Essa falta de escrúpulo para com o outro. Com isso não se acaba, isso se controla, em níveis que não sejam disfuncionais, em que a sociedade possa conviver sem se destruir, é isso que se faz com corrupção. E como se busca controlar a corrupção deve se fazer por meios que tenham realmente uma plausibilidade de resultado. Citar beltrano, ciclano como "os corruptos" não traz nenhum resultado, serve talvez para desopilar o fígado, mas não mais do que isso.

Serve para desopilar o fígado, que já está muito opilado, com esse pavor incutido pelo fascismo. O fascismo populista que está presente no nosso dia a dia. Nós respiramos, esse populismo anti-corrupção há muitos anos, desde 2013, desde o chamado escândalo do mensalão. Estamos respirando falso moralismo, promessas vãs,

<sup>1</sup> Sobre o caso, ver ARAGÃO, Eugênio. Assassinato de estudante pelo pai mostra que país está doente. In: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/assassinato-de-estudante-pelo-pai-mostra-que-pais-esta-doente-diz-ex-ministro-eugenio-aragao/>, acesso 22 de abril de 2019.

de soluções ineficazes. “Vamos botar todo mundo na cadeia”.

Da mesma forma que a gente sabe que “quem não deve não teme” também é uma enorme mentira. porque quem não deve, teme sim. Deva ou não. Muita gente inocente sofre. Combate é guerra, combate você enfrenta um inimigo. E o inimigo a gente quer matar.

Então, esses conceitos são extremamente subliminares, eles dão a ideia de que estamos em uma guerra que demanda medidas excepcionais, que é uma outra grande mentira. Porque nós estamos abrindo brechas. Não pelo bem comum, mas para garantir que o cassino continue funcionando. Os outros estão soltos atrás de seus cabritos. Então isso não resolve absolutamente nada. O processo de criminalização faz parte do processo de aumentar o clima de fobia. É assim que fazem nos Estados Unidos para a população exigir leis, tolerância zero. Mas estavam ajudando o presidente, um futuro presidente americano. “Tolerância zero”. Porque? Muito simples. Porque o cartel americano é quem manda nas cadeias privadas norte americanas. E cada “presinho” a mais, nas penitenciárias privadas tem preço, preso é lucro. E na sociedade capitalista, lucro só é algo que a gente quer aumentar, assim que funciona a lógica criminalista dos Estados Unidos. Só que aqui quem paga a conta é o Estado. Uma penitenciária superlotada. Em uma cela de 8 detentos, estão 40. Simplesmente sem a mínima segurança legal, uma situação de absoluta fragilidade, os caras ficam simplesmente no corredor parados, isso não é justiça, isso é uma lacuna social.

Então nos Estados Unidos, a lógica do “quanto mais presos, melhor”, é uma lógica capitalista. Então vamos criar fobias, basicamente é isso. E muitos se elegem instrumentalizando essas fobias. No Brasil a fobia garante poder de quem está

sentado. Não é questão financeira. A fobia é herança da sociedade escravocrata. É isso. As cadeias são nossas senzalas e é com isso que esses procuradores da república querem ajudar os americanos. Brincar de *Miami vice*. É isso que querem. Os americanos estão, claro, esfregando as mãos, o lobo mau e nós somos os três porquinhos prestes a ser degustados.

É uma situação realmente crítica, em que nós estamos preparando os ingredientes, as maçãs, onde nós, os porquinhos, vamos ser servidos assados. É uma situação horrorosa. Mas quem sabe sofre muito mais. Porque está vendo o que está acontecendo. É mais fácil, talvez ler *Veja*, ler *Folha*, ler *Estadão*, ler *Globo*, ler *Época*, talvez sofresse menos, né?! Porque a maioria das pessoas não se dá conta de que notícia é feito jabuti em cima de uma árvore. Não sobe sozinho. Toda notícia tem uma história atrás dela. Quem pega a notícia pelo seu valor imediato está se deixando enganar. A notícia tem que ser vista no seu todo, não só nesses seus elementos semânticos e sintáticos, mas, sobretudo, nos seus elementos pragmáticos.

Significa: no meio em que essa notícia é jogada, porque aquele jornalista? Qual o perfil daquele jornalista que escreveu essa notícia? Por que escolheu-se aquele jornalista para escrever essa notícia? Por que hoje? Não amanhã, não ontem. Porque atinge exatamente aquela pessoa? Por que houve este entrevistado e aquele entrevistado e não menciona nenhum outro?

Se a gente não fizer essas perguntas para nós mesmos e tomarmos a notícia pelo seu valor imediato, não estamos entendendo nada. Estão montando para a gente um quadro absolutamente fictício da realidade. E a maioria das pessoas não percebe, isso é uma questão muito mais, às vezes, afetiva, uma questão sentimental. Tem pessoas que se deixam mais impactar por notícias, tem outras pessoas que são mais duras, desconfiadas.



Isso não tem nada a ver com instrução. É assustador! Eu falo de uma pessoa, por exemplo, que é doutora jornalista, é da Universidade de Munique, tradutora intérprete português alemão, é professora de alemão, versada em literatura das línguas germânicas, dinamarquesa, holandesa, alemã. Tudo isso ela domina. Uma pessoa dessa com uma visão de mundo é capaz de repetir a ladainha da virgem. Mas como? Não dá para entender! Mas é, é assim.

Eu fui ao apartamento dela, pequenininho, lá na Tijuca, portanto não é uma pessoa que gosta de luxos nem nada, pessoa muito simples. Ela é intelectual e tem apartamento cheio de livros em todos os quartos, na sala, toda a biblioteca. Lida, muito lida. E repete. É uma coisa que é difícil de a gente entender, mas isso é sinal para a gente de que não pega apenas os incautos. Por exemplo, pegou na Alemanha os melhores juristas, constitucionalistas. Muitos dos quais, depois, com a inauguração da República Federal da Alemanha, passaram a ser bons juristas democráticos. Mas escreveram as leis, por exemplo, sobre como discriminar judeus. Participaram do teatro todo, todos nós estávamos nessa. Se deixaram levar pelo populismo. Por que? Porque é muito mais fácil, muito menos sofrido, como na Itália: com a maré do que contra a maré. É muito mais sofrido. A gente tem que entender os atalhos mais confortáveis. Não é isso?

Então, por exemplo, os argumentos de autoridade podem surtir o mesmo efeito do que um argumento analítico. Mas se o argumento for analítico, corre o risco de a pessoa pensar duas vezes se faz ou não faz conforme é sugerido. Mas, no argumento de autoridade, você pode desligar o seu pensamento, é mais fácil. Eu me lembro sempre de um exemplo de um jurista dinamarquês, pensador filósofo chamado Alf Ross. Ele escreveu um livro em 1958

chamado *Direito e Justiça*. Ele dá o seguinte exemplo: imaginem vocês um menino brincando no meio da rua, a mãe olha aquilo e fica desesperada e chama o menino para sair da rua e ir para a calçada, e o menino pergunta: “por que mamãe?” A mamãe pode responder de duas formas. Ela pode responder “sai da rua porque senão você pode ser atropelado”, argumento analítico, ou “sai da rua porque eu estou mandando”, argumento de autoridade.

Mas o argumento de autoridade tem função, porque se a criança não sabe o que é ser atropelada, o que importa é ela sair da rua. Tem sua utilidade o argumento de autoridade. Mas o argumento de autoridade tem o outro lado da moeda, faz a gente fazer coisas erradas. Não estou falando da autoridade da mãe, que é uma pessoa benevolente que quer o melhor para seu filhinho. Mas e o argumento de autoridade de Gilmar Mendes? Chega a ser pornográfico. Porque é exatamente o contrário. Argumento de autoridade de Gilmar Mendes é muito difundido porque debaixo dele tem um monte de raciocínios absolutamente ilegítimos. Todos estocados em baixo do tapete. E se a gente for chegar nesse pilar, todo aquele raciocininho dele, a gente vai ver que é tudo falácia e não cai mais, esse é o problema do argumento de autoridade, é como se fosse um atalho para uma ordem dentro de um discurso normativo. É um atalho.

Nossos tribunais gostam muito de usar os argumentos de autoridade. O Direito tal como nós o conhecemos hoje é fruto de uma guerra de conquista que ocorreu na Europa Continental nos idos dos séculos XIV e XV. Até o século XIV a Alemanha não tinha ainda um feudalismo tão rígido era um feudalismo fraco. Por que? Porque havia um costume que condizia com a estrutura feudal de vassalagem. As estruturas políticas germânicas eram profundamente democráticas. O órgão de decisão era aquilo

que se chamava “*Thing*”. Não é “coisa” em inglês. É a palavra que deu origem a palavra “conjunto, assembleia”, que é uma reunião, um seminário, então era uma assembleia de todos. Então, você via que era uma organização coletiva, todo mundo sabia o que era certo e o que era errado, portanto ninguém precisava de um intermediário para entender o que que era direito seu e o que que era o seu dever. Isso era intuitivo, de direitos e costumes de aldeões, não se mandava em ninguém. O Imperador escrevia em nome do papa, não podia admitir intermediários, então impõem-se um Direito romano eclesiástico aos aldeões a ferro e fogo. Se destituíram as assembleias e nos seus lugares se colocaram comissários da lei que diziam o Direito conforme os livros. Entender de Direito passava a ser coisa de estudioso. Uma forma de você surrupiar os direitos das massas. Pura e simplesmente. Assim que nascem as ciências humanas.

Não pensem vocês que os aldeões engoliram isso fácil. Foram centenas de milhares de mortes que encheram os campos alemães de sangue. A resistência foi feroz. Um episódio de sangue na história da Alemanha, a guerra dos camponeses. Os camponeses ficaram com tanto ódio da igreja. Porque a igreja tinha acesso a esses livros de Direito romano, ao latim eclesiástico.

O direito nasce dessa forma nesse ambiente. Não uma ciência do Direito que, aliás, não é ciência, como, séculos depois, Antônio Gramsci falava. Para Antônio Gramsci, a superestrutura e a infraestrutura social tem o mesmo peso. Ele contesta o marxismo vulgar, Gramsci diz: a superestrutura de uma sociedade se une à infraestrutura, um feito para o outro. Um quebra cabeça.

Então o Direito sempre será a expressão de um modo de promessa econômica, de um modo de se distribuir as facilidades dentro da sociedade. O Direito será

sempre expressão de uma ideologia, de um modo de você ditar o mundo. E não pode ser de outra forma. Por que isso serve para explicar o momento que estamos vivendo hoje? Por que o judiciário é o que é? Por que que o judiciário, em que a gente depositou tanta confiança na constituição de 1988, é esse circo que nós estamos vendo hoje? O judiciário é aquilo que ele sempre foi.

Então toda vez que vejo a imprensa falando com a certeza absoluta que fulano é um corrupto porque é, assim foi decidido pela Justiça, é o que todo mundo acha. Está achando que Justiça é pura e não é isso. Justiça humana é extremamente falha. Primeiro porque ela não é cega, ela vê muito, e ela não faz nada de graça. Essa Justiça, na verdade, não é justiça que nós estamos vendo. É, claramente, um discurso de classe. Um discurso oportunista de ocasião para que suas excelências, os Ministros, possam se manter, afinal de contas, se ousarem demais serão os primeiros ministros a levar um *impeachment* do Congresso Nacional.

Há um problema a mais, no Ministro do Supremo, porque afinal de contas, desses que estão aí, 11 foram escolhidos por nós. Pior, o PT escolheu 13, aliás o seu número. 13 Ministros do supremo, foram escolhidos pelo PT.

E qual foi o processo de escolha, processo de recrutamento, desses Ministros. Vocês acham que recrutamento é coisa de empresa, de esportes? Mas como o processo de escolha se deu? Foi o processo da maratona, da maratona da simpatia. Logo que uma vaga um lugar no Supremo Tribunal Federal, é como na Academia Brasileira de Letras. Os vaidosos rapidamente correm desesperados para política, para membros do governo, para padres, CNBB, para quem eles puderem, para poderem coroar os seus currículos. Colocar aquela cerejinha em cima do *chantilly* do seu



currículo. É isso que eles almejam, fazem de tudo para isso. É o *Show* do milhão, vale tudo. Eles vão lá, batem no peito, dizem que vão ser fiéis e são os piores. Por que? Porque são vaidosos. E os vaidosos tem sério problema: eles são frágeis. O vaidoso sempre quer ficar bem na fita. Já vi um vaidoso querer parecer feio?

Todos eles querem muito. Quem quer muito, não presta. Porque quem quer muito, geralmente não sabe o que fazer. E, na hora que chegam a ser escolhidos, alguns deles caem aos prantos. [Imitação de choro] “estou muito agradecido para esta honra que...” Choram. Teve ministro que o motorista teve de ficar rodando para ver se ele acabava de chorar. Ele estava desesperado. Estava chorando compulsivamente porque tinha sido escolhido Ministro do Supremo.

Agora, imagina essas pessoas em um momento de pressão? Porque o supremo é que nem doutorado. Eu vejo alguns colegas lá de procuradoria. Não daqui da universidade, mas da procuradoria, existem uns colegas que querem porque querem fazer um doutorado. E eu pergunto: “mas você quer exercer atividade acadêmica? ”, “não, não. Eu preciso disso no meu currículo, tá faltando”. Coroar o currículo dele com doutorado. Meu filho, o doutorado é só uma porta de entrada para o mundo da ciência. e se você tranca essa porta, ele não serve para nada. É melhor você deixar na parede. Porque o doutorado não serve para enfeitar o currículo de ninguém. Até porque daqui a dois anos, não valerá mais nada, já está ultrapassado. E depois, a pessoa diz “como fui falar uma besteira dessas?”. Isso se continuam pesquisando.

Então para que coroar um currículo com doutorado? Faça uma escola de culinária. Acho que isso vale mais que um doutorado.

Vai fazer outra coisa da vida. Mas doutorado? O doutorado é muito chato.

Eu me lembro dos 4 anos em que eu fiz doutorado, circulando desesperadamente pelos corredores da universidade, sem saber se eu iria conseguir terminar. Eu queria mandar fazer uma camiseta para mim assim: “não me pergunte sobre nada”, de tão desesperado que eu estava com o doutorado. Um curso de culinária é muito melhor. Então, é a mesma coisa o Supremo. O Supremo é que nem doutorado. Não interessa chegar ao Supremo, o que interessa é sua função para a sociedade brasileira, essa que é a diferença. Infelizmente, hoje temos que considerar que quase todos são vaquinhas de presépio que não agregam nada. Estão lá fazendo mais do mesmo.

Nem esconde mais nada. A coisa não tem nem mais aquele encanto erótico. Infelizmente é como os Ministros estão se comportando. Quando o outro chega lá e diz em uma palestra para estudantes: Espera aí, como que é? Você é o juiz. Você não sente ninguém inocente na lava jato? Como um juiz pode dizer uma coisa dessa sem jamais ter visto processo. O cara se dá ao direito de dizer publicamente “eu não sinto ninguém inocente na Lava jato”. Ou seja, menos cabeça e mais pênis, não é isso?!

Infelizmente é como nós estamos vendo as coisas acontecerem. Nós chegamos a um nível de vulgarização pelo populismo do combate à corrupção de um tal grau, que antes tinham discursos medievais e ainda se valiam de Justiniano, Diocleciano para fundamentar as suas decisões. Nem isso mais eles fazem. Eles usam conversa de botequim, de boteco. Isso é assustador. Essa degradação do tecido institucional a esse ponto é muito pior do que a gente pode imaginar, porque a gente espera que

um dia a gente reconquiste a democracia. E o que a gente vai fazer com esses atores?

O que se pode fazer com Joaquim Barbosa que sabia que Genoíno era inocente e mesmo assim o condenou, porque a doutrina me permite? Ninguém gostaria de estar na pele de Genoíno. Uma pessoa extremamente pobre, simples. E ele não mora nos Jardins. Ele mora na divisa com Osasco, em uma casinha germinada. Seus vizinhos são garçons e taxistas. Seu carro é um *logan* velho de toda família, que partilha. Esse é o Genoíno, o grande corrupto do mensalão. E continua hoje assim, com uma família maravilhosa. Agora, esse é o corrupto? É impressionante. E isso dito pela boca de juízes. É impressionante!

Dito isso, o que se pode acreditar desse sistema? Qual é a segurança que o sistema pode oferecer aos cidadãos, aos jurisdicionados? Qual a segurança? Isso é o nosso grande desafio. Uma ditadura não só serve para degradar a política, mas também serve para politizar o judiciário, torná-lo mais político do que já é. O judiciário é sempre político. Só que é um político elegante, que usa uma linguagem técnica, usa precedentes para dizer que só está seguindo leis, apesar de que presidente pode se escolher, vice presidente não.

Como é que a gente vai trabalhar isso no futuro? Como é que vocês vão trabalhar com esse judiciário? Reforma não adianta. Precisa muito mais do que isso. Reformar esse judiciário, sem pôr outros atores nos seus lugares, não serve para nada. Eles sim, diferentemente do corrupto a, b, c, d que não fazem diferença nenhuma para o sistema de corrupção, ele sim, o Ministro a, b, c, d, faz diferença. Essa que é a coisa curiosa. Eles acham que reformam o país perseguindo a, b, c, d, mas a corrupção continuar. Mas eles não conseguem enxergar que o mal são eles. Que estão contaminando tudo. Fica hoje ruim, você ser advogado. É muito complicado. Os

advogados bem sucedidos são os vencedores. E convida para beber o seu melhor whisky nas suas casas e todos Ministros vão. São poucos os que não caem nesta tentação. Afinal de contas, somos colegas de profissão. Você aceita beber um whisky de 30 anos na casa de um fulano que tem 10, 20 processos, se isso não é corrupção, o que é? É impressionante. Tudo pago, claro, 0800. 0800 coisa nenhuma! Porque na verdade se está pagando.

Um nível de degradação enorme, *flashback* de 5 anos atrás. A gente achava que o Brasil tinha realmente virado a página. A gente tinha impressão de que as coisas estavam chegando ao mínimo de controle para termos uma sustentabilidade democrática. Era a impressão, acho que legítima, que nós tínhamos. Nós tínhamos também nossas fragilidades, não chegaram a ponto de comprometer esse progresso que a gente vivia nas políticas públicas, no modo de agir do governo, na transparência. A gente tinha que isso era coisa do passado. Corrupção era coisa de Fernando Henrique Cardoso. Não, essas instituições continuaram. Nós que não soubemos mexer nas estruturas. Elas são tão comprometidas quanto a mídia, quanto os partidos, quanto o congresso, quanto as corporações, todas elas são parte do sistema. Mas o povo, de quem emana todo poder, segundo a Constituição, que é o que menos interessa. Porque todos dizem – eles dizem – “nós somos o povo” –, todos são populistas.

Mas o povo mesmo que é aquele que mora na favela, aquele que não tem acesso a *internet*, pelo menos não fica se poluindo em redes sociais. Esse daí não interessa. Mas sabe de uma coisa muito curiosa no Brasil, que eu acho que explica o que estamos vivendo hoje? O Brasil é um país com uma baixa expansão de serviço na *internet*. Significa que a inclusão digital é frágil no Brasil. Brasil tem um potencial enorme de crescer, mas serviço de péssima





qualidade e caro. Portanto, ela serve para a classe média alta, que pode ter serviço que te permita navegar minimamente estável. Tem que ter uma *Net* em casa, ou tem que ter *Oi*. Mas tem que ter um plano. Significa que, basicamente, na *internet*, classe D, nem pensar. Não está logada, não mesmo. E no entanto, como presença em redes sociais, o Brasil é quase campeão. Só chega a ser ultrapassado pelo Estados Unidos. Estados Unidos porque é aquela potência econômica. O Brasil é o país em terceiro lugar de presença em uso de redes sociais. Qual conclusão a gente pode tirar? É que essas poucas pessoas que frequentam a *internet* são profundamente viciadas. As redes sociais geram uma dinâmica muito perversa

As pessoas se encontram, mas não estão ali, não estão olhando para a cara do outro: vovozinha sozinha, família toda ao redor dela, mas ninguém conversando com a vovozinha. São os meios de comunicação ponto a ponto ou de grupos na *internet*, e essa dinâmica de grupo tem como elemento essencial não o diálogo e sim o monólogo. Quem fala no grupo está falando para sua tela e seu computador. Não está olhando para cara de ninguém. Na verdade está fazendo um joguinho *game boy*. Está botando ali algumas frasesinhas desconexas. Um monte de abreviaturas uma linguagem completamente diferente, esperando uma reação, e a reação tem que vir rápida, o cara fica nervoso, ele vai de 5 em 5 minutos lá atualizar. Existe um exibicionismo impressionante, na verdade, podemos dizer que é como se fosse um *Brave new world* [*Admirável mundo novo*] às avessas. O nosso problema não é o panótipo, onde todo mundo pode ser visto, olha, esse não é o problema, essa é a virtude. Todo mundo quer ser visto. Quem não é visto que é lixo. Para receber uma respóstinha. E sabe que recebe essa resposta mais rápida, por que? Porque as

pessoas reagem de forma impulsiva, já que estão com pressa. Falou uma coisa: rapaz, bateu, levou. E as pessoas ousam dizer coisas na *internet*. E assim nascem homofobia, racismo. Só eu e o computador. E aí o cara abre o porão da sua cabeça e bota todas as tralhas no computador. Polui o seu discurso. Isso que é rede social.

E isso vai embrutecendo as pessoas, as pessoas se endurecem. As redes sociais, para mim, são as grandes responsáveis pela mudança na nossa cultura política nesse início de século, em que as campanhas eleitorais são muito mais agressivas, muito menos providas de ideias e muito mais recheadas de ataque. Partidos não são propositivos, partidos são excludentes. Nós somos aquilo que você não é, basicamente é isso. Não se propõe nada, é só negar o outro. E isso tem muito a ver com a nossa cabeça hoje. É muito comum, não só entre vocês, vocês são minoria aqui, a verdade é essa. Mas na grande maioria da geração de vocês, nós percebemos um analfabetismo funcional violento. A pessoa sabe escrever, sabe botar uma palavrinha atrás da outra, sabe até o que significa, mas não sabe nem botar um pensamento no papel, não sabe botar um começo, meio e fim. Não tem o hábito de acumular conhecimento. As pessoas acham que podem aprender pela via pictórica, só estão vendo imagens, linda imagens na *internet*. E vão acumulando isso, a informação vai em uma velocidade enorme. E isso vira na cabeça das pessoas uma cacofonia. Ou seja, uma sopinha de letras sem sentido nenhum nas nossas cabeças. Quando a gente fica só na rede, deixamos de ler um livro. O livro ajuda a desenvolver o hemisfério cerebral direito. O outro não. O outro meio só ajuda a botar adrenalina na cabeça. É impressionante!

E onde a adrenalina rega os nossos vasos e nosso cérebro, o fascismo se implanta fácil. Onde endorfinas dominam nosso cérebro,

o fascismo se instala. Nós temos que trocar adrenalina com endorfina. Nós temos que aprender a ser feliz. Feliz, não triste. A pessoa feliz não se deixar enganar por um discurso de ódio. A pessoa que tem perspectiva, a pessoa que tem criatividade, a pessoa que consegue ter prazer nas coisas pequenas da vida. Como cheirar um livro novo folhear um livro na loja de livros, na livraria. São pequenos prazeres que fazem a gente receber uma boa dose de endorfina. Que dá um equilíbrio para a gente.

Se você chegar, abrir seu computador, e encontrar logo na primeira tela já notícias ruins, te faz ficar triste. Então, tem hábitos que nos tornam ensináveis, que mudaram profundamente a nossa dinâmica de grupo, e a política tradicional de esquerda não sabe lidar com isso ainda. Quando vieram esses movimentos alimentados por redes sociais, manifestações em 2013, manifestações para derrubarem o governo também. Tudo isso saiu das redes sociais. Ou seja, o impulso saiu das redes sociais. E a gente não sabe lidar com isso.

É difícil você encontrar alguém de esquerda tomando tempo para trolar um *site* de direita. É difícil. Mas a direita trola os *sites* de esquerda, e como trola. Porque parece que isso é algo que a gente tem que começar a aprender. Porque não adianta você estar na guerra e o cara estar com uma R15 e você com um estilingue. Não adianta. Se a gente não conhecer os princípios de guerra eletrônica, de guerra virtual, nós vamos para o saco, essa é a verdade. A esquerda está perdendo terreno no mundo inteiro para a direita, porque não domina essa técnica, que é extremamente perversa. Você falar mal de uma pessoa que nem conhece, jamais viu a cara dela. Chamar a pessoa com nomes horrorosos, que você não falaria na frente dos seus filhos. É uma coisa muito doentia. Destruir uma pessoa que você não conhece. Só porque você viu uma frasesinha que te

causou raiva. Isso é doente, ou como dizem os americanos *that's sick*. Não é normal uma coisa dessas. Eu não leio e não respondo a *trolls*, pura e simplesmente. Porque a pior coisa para um *troll* é ser ignorado. É a pior coisa para ele. Porque um *troll* é um cara doentio que está monologando com seu teclado e seu monitor esperando uma resposta. Está nervoso porque a resposta não vem. Então, não responder é a melhor forma de enfrentá-lo. Porque, ao responder, ele fica feliz da vida. É espírito de porco, não tem outra expressão. É espírito de porco.

Infelizmente é isso. É um ambiente em que o golpe se deu. É esse ambiente. Um ambiente de trolagem. Um ambiente de espírito de porcos, de oportunistas. De uma capacidade enorme do judiciário se adequar a esse tipo de ambiente, porque as pessoas são vaidosas e querem sempre exposição. Isso facilitou. Não tem outra explicação. Agora, o problema é enfrentar isso. Como enfrentamos isso? Só escrever manifestos? De manifesto nós estamos cheios. Bota seu nomezinho do *Avaz*. Não que isso não tenha sua validade. Mas isso não mobiliza, não muda a essência dessa gramática de poder entre aqueles da rede e nós, que nos acostumamos a ver o mundo pelos olhos dos outros. Nós treinamos sermos empáticos e sentir pelo outro, e se entristecer pelo outro. Isso muda a relação de forças. Talvez a gente precise conseguir torná-los mais empáticos e nós menos empáticos, para chegarmos a um ponto de equilíbrio.

O fato é o seguinte: a esquerda no Brasil só voltará a ter uma chance se conseguir superar esse ambiente de destruição do tecido social institucional que está em curso. E para a gente parar esse processo será necessário se despir das nossas camisas vermelhas. Porque enquanto nós estivermos na frente do touro, vestindo vermelho, o touro vai para cima de nós.



Nós temos que recuperar o nosso governo que não é deles, aliás. Nós somos brasileiros. Nós estamos preocupados com o destino do nosso país. E no dia em que a gente começa a usar o verde e amarelo, eles se confundem. E não sabem mais quem somos nós e quem são eles. E aí a gente começa a conversar. E como nossos argumentos são melhores e mais sólidos, quem sabe nós conseguimos desconstruir um pouquinho desse populismo. Mas nós precisamos fazer isso despidos de nossa condição. Não significa que ninguém de nós vai abrir mão, deixar de ter seu coração no lado esquerdo com o sangue vermelho. Significa apenas que a gente tem que saber se apresentar para um público perdido, para um público realmente doente. E a gente não pode se apresentar para esse público como médicos. Porque eles não querem ser medicados. A gente tem que ir ali usar uma roupa nova. Mas de médico, jamais. A gente vai lá conversar com eles e não precisamos dizer, não precisamos falar Marx, Engels, Lenin e Gramsci. Não precisamos falar disso.

Eu consegui dar um curso de Direitos Humanos, para oficiais das forças armadas, sem usar uma única vez a palavra *direitos humanos*. Porque eu sei que a palavra direito humanos serviria para eles que nem alho para o vampiro. Eles iam todos embora se eu usasse essa palavra. Eu usei o Direito internacional dos conflitos armados. Falei da regra de Genebra. Regras da Haia. Isso eles anotaram. E foram anotando os conteúdos sobre tratamento de população civil em conflito. “E fora do conflito? Por que deve ser diferente do conflito?” E aí você vai esticando. Mas não falem Direitos humanos! Não adianta. O cachaceiro entortou a boca desses rapazes. Não adianta você querer falar de um assunto que os assusta. Não adianta agora a gente pegar um coxinha e falar que houve golpe.

Se você falar isso para o coxinha, ele vai embora, acabou a conversa. Você tem que saber expressar isso de outra forma. Fazer um exercício semântico. Para saber dizer as coisas, sem usar aquelas palavrinhas que são como agulhinhas de acupuntura nos pontos que mais doem. Usar as palavras que eles aceitam e fazer um exercício de maiêutica com eles. Botar resposta na boca deles, sem jamais afugentá-los. Nós precisamos fazer isso. Eu acho que isso é o mais difícil de tudo. Porque é claro que nós somos feitos de carne e osso, é claro que a gente está com muita raiva. Mas está na hora de a gente baixar a bola, pensar estrategicamente. Lembrar que a esquerda neste país jamais vai vencer se não tiver algum tipo de aliança com a classe produtiva. Não tem leis.

É verdade que a classe produtiva hoje se apresenta diversificada. Existe um proletariado produtivo e existe uma burguesia produtiva. Um empresariado proletário e o empresariado burguês. Não que Karl Marx tenha perdido a sua utilidade, como poderoso instrumento de análise histórica. Mas as formas mudam, não o conteúdo. A mão de obra explorada pelo Capital não é mais aquele operário de macacão azul que aperta parafusos. Porque o explorado que vale é aquele que está inserido nessa coisa atual. Por que? Porque ele vai ser contratado não com carteira de trabalho e sim pagando isso. E vai ser explorado do mesmo jeito, buscando onde é que ele pode se situar para ter alguma demanda de algo que ele saiba produzir. E logo aquele seu nicho vai se esvaziar, fica a dúvida se ele vai ter que saber se inovar, buscar um outro nicho. Na geração de vocês, é preciso a capacidade de inovar, quem não tiver essa capacidade afunda ou vai para o mundo. Que é o que? Aquele sujeito desprovido de qualquer direito em que ainda se assina a carteira de trabalho. E até isso vai acabar.

Nós temos que ter a capacidade de atrair para nós esse empresariado proletariado. Que é profundamente conservador, quando ele não é pentecostal. Ele acredita no trabalho. E por isso que ele é individualista. Conversar com essa gente, não é a mesma técnica. O discurso tem que ser outro. O discurso não pode passar por esses..., esse discurso que eu chamo de marxismo-leninismo vulgar. Porque a maioria nem leu Lenin, nem Marx. A gente tem que ter essa capacidade. É uma questão de comunicação de ideias. E se a gente conseguir conversar com essas pessoas,

podemos demonstrar que existe espaço para elas se alavancarem se trabalharem em conjunto, seja através de cooperativas, através de outras formas de parcerias. Conseguir com isso, suplantar, ou ao menos, tornar-se independente dos fundos e dos bancos, será já uma grande vantagem para a gente reconquistar a solidariedade em uma sociedade completamente fragmentada pelos seus individualismos.

Muito obrigado.

**\* Eugênio José Guilherme de Aragão**, jurista e advogado brasileiro, foi membro do Ministério Público Federal de 1987 até 2017 e Ministro da Justiça em 2016, no governo Dilma Rousseff. Atualmente é professor titular de Direito internacional da Universidade de Brasília, pela qual é graduado em direito.